

A SAÍDA É PARA DENTRO

REFLEXÕES SOBRE O FUTURO DA
EDUCAÇÃO EM UM MUNDO EM CRISE



Diogo S. H. y Antunes

DIOGO SILVEIRA HEREDIA Y ANTUNES

A SAÍDA É PARA DENTRO

Reflexões sobre o futuro da educação em um mundo em crise

Copyright 2021 O autor

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra para atividades sem fins lucrativos e contanto que citada a fonte original.

Publicação: Independente
Revisão: Michele Barcelos Doebber

ISBN: 978-65-00-26695-5

Caraá – RS – Brasil
2021

*Para meu filho Noah. Que meu trabalho contribua para
que eu lhe entregue um mundo belo de se viver.*

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 5 |
| Onde vamos chegar depende de para onde queremos caminhar | 6 |
| A comunidade é a base de todo aprendizado..... | 9 |
| Tecnologias para o desenvolvimento Interior - TeDIs..... | 12 |
| A natureza é uma grande mestra..... | 13 |
| O futuro começa agora..... | 15 |
| Referências | 17 |
| Sobre o Autor..... | 18 |

Introdução

Certa vez tive a oportunidade de participar de um processo de autoconhecimento chamado de Temazcal ou Tenda do Suor. Um ritual Xamânico que consiste, em termos práticos, em adentrar em uma tenda baixa, onde senta-se em círculo, e são inseridas no centro pedras incandescentes. Em termos subjetivos, é uma oportunidade de agradecimento, conexão e purificação.

O ambiente fica muito quente e apertado. Os participantes são dispostos sentados lado a lado com os ombros se tocando e só podem sair ao final de cada ciclo, que pode durar até uma hora. Há pouco espaço para se mexer e o calor torna bastante difícil respirar.

*Um jovem que havia sido pego de surpresa pelas características do processo entrou por último e deixou escapar em voz alta seu alívio por sentar perto da porta. Ao seu lado, um ancião de cabeça branca, calmamente toca seu ombro e diz:
- “Filho, a saída é para dentro”.*

Que momento este que vivemos durante o ano de 2020... Tantos desafios, tantas incertezas... Em meio à esta crise, quem sabe esteja a oportunidade de mudanças necessárias na caminhada da humanidade. Pelo menos, assim espero.

Fico muito feliz em poder compartilhar com você algumas reflexões que tenho realizado durante minha caminhada como educador. Isto preenche de sentido meu trabalho que tem sido voltado para contribuir para que o mundo seja um bom lugar de se viver.

A pandemia disparada pelo Covid19 trouxe uma série de impactos nas escolas e, além das mudanças que já ocorreram, muitas discussões têm sido feitas sobre o futuro da educação. Quando falamos em **futuro**, o imaginário das pessoas costuma trazer imagens de modernas tecnologias ao estilo dos filmes de ficção científica. Realidade ampliada, óculos 3D e outras *cyber* tecnologias habitam o nosso imaginário de um tempo glorioso que torcemos esteja por vir... As tecnologias de informação têm sido muito importantes

para permitir a comunicação e troca de informações, especialmente durante o isolamento social, mas o quadro de um futuro esperançoso que irei pintar aqui está relacionado com questões muito mais orgânicas, que já estão ao nosso alcance. Ao mesmo tempo em que podem parecer tão óbvias, tantas vezes nos escapam aos olhos no cotidiano de nosso educar.

Primeiro, considero fundamental deixar claro que não quero convencer você de que estou certo. Quero compartilhar algumas ideias que têm sido muito importantes para mim. A partir disso, espero que tire suas próprias conclusões. Se isso ocorrer ao final de sua leitura, o propósito deste breve ensaio foi atingido.

As intuições que trago são inquietações minhas sobre a vida e o educar. Elas não me parecem ser “moeda corrente” nas práticas mais comuns sobre educação. Nem nas melhores universidades, nem na maioria das escolas. Talvez porque elas não venham da cidade, da lógica urbana com a qual estamos acostumados, mas da terra e dos ciclos naturais. No entanto elas estão pulsantes em algumas escolas ousadas, encontram abrigo e ressoam no coração de outr@s professor@s que sonham e constroem dia a dia modos de educar e de viver muito conectados com a vida! Por isso, vou buscar escolher cuidadosamente cada palavra e lhe convido a ler com atenção e abertura para novas visões.

As percepções que trago são a soma dos aprendizados da minha infância na fazenda, minha caminhada acadêmica como pesquisador da educação, a experiência como professor e o convívio com comunidades campesinas no sul do Brasil, onde vivo agora. Estas foram para mim grandes “escolas” e em cada um desses locais tive grandes mestras e mestres.

Indiferentemente de você trabalhar ou não na educação, todas as pessoas são parte de uma comunidade e com isso participam de processos de ensino e aprendizado. Assim, se você se sentiu chamad@ a ler este ensaio, siga em frente, ele é um convite para construirmos junt@s, através da educação, relações onde a vida seja mais bela.

Onde vamos chegar depende de para onde queremos caminhar

A educação é o processo pelo qual a geração adulta prepara as crianças e jovens para se integrarem à vida social e cultural. Com isso, pensarmos onde queremos chegar com os processos educativos exige que antes pensemos onde queremos chegar como coletivos humanos.

Para onde caminhamos enquanto humanidade? Você já se fez essa pergunta? Sinto muito ao dizer isso, mas a resposta a qual eu chego não é muito otimista.

A imagem a seguir representa dois projetos de futuro. O primeiro deles está ligado ao desenvolvimento *cyber* tecnológico e é a ponta de lança da sociedade contemporânea. No entanto, me parece que buscamos este futuro glorioso tal qual um homem sedento no deserto busca a miragem de um oásis. Quanto mais caminhamos em sua direção, mais se agrava nosso sofrimento.



Fonte: Adaptado pelo autor de @minimalistaesustentável 2020

Vivemos um grande desenvolvimento tecnológico. Também acompanhamos transformações positivas em questões socioculturais como os debates sobre desigualdades de gênero e de raça. Mesmo que em meio a muitos conflitos, resistência e violência, estes debates têm amadurecido a cada dia.

No entanto estes avanços, mesmo que significativos, são acompanhados pela ampliação das desigualdades sociais em muitos países. A depressão, a ansiedade, a obesidade, e outras patologias psíquicas ou ligadas a hábitos de vida, se ampliam drasticamente. A exploração de recursos naturais, para manter nossos níveis de consumo, associada à produção de materiais sintéticos e à poluição, preparam o terreno para uma crise ecológica sem precedentes nos próximos 30 anos. As evidências desta crise se mostram no aquecimento global, na mudança do pH dos oceanos e na toxicidade da água e do ar. A humanidade como um todo tem dado pouca atenção para estes fenômenos. Ainda não conseguimos perceber a concretude desta ameaça, alguns porque sentem-se

impotentes, outros colocam-se de forma absolutamente indiferente a estes fatos, considerando muito mais importante mantermos a economia aquecida.

A questão é que, por mais que nos atraia um futuro como os dos filmes de ficção científica, materialmente não teremos a possibilidade de suprir nem mesmo uma pequena parcela da humanidade com os recursos necessários para que ele se manifeste. Mesmo hoje, onde muitas pessoas ficam à margem da sociedade de consumo, a forma como consumimos o planeta já nos leva para um esgotamento dos sistemas naturais. Além disso, o adoecimento psíquico crescente mostra que esta busca não tem alimentado nossas almas de sentido.

Quando no final de 2019 vivíamos nossas vidas normalmente, poucos de nós eram capazes de imaginar a possibilidade de mudanças tão drásticas como as que foram implicadas pela chegada do COVID-19. Digo poucos, porque aqueles que estavam atentos aos ciclos naturais sabiam que algo iria ocorrer. David Holmgren, um dos criadores da Permacultura, nos aponta que ao nos embasarmos na Hipótese Gaia e nas evidências de 4 bilhões de anos de história evolucionária, fica claro que “se chegarmos a ponto de afetar seriamente os sistemas básicos de suporte à vida do planeta, seremos “neutralizados” por um outro mecanismo coevolucionário (como mudanças climáticas ou doenças) (HOLMGREN, 2002, p.55-56)”. Assim, tudo leva a crer que o aparecimento deste novo vírus faz parte da ativação do “sistema imunológico” do planeta contra uma espécie que estava agindo de forma virulenta contra os sistemas vivos. Esta espécie somos nós!

Ainda é incerto para mim quais serão os rumos que a humanidade irá tomar e tendo a suspeitar de quem aponta com segurança o que irá ocorrer. Mas estou seguro de que **é preciso parar para pensarmos onde queremos chegar**. Até pouco tempo esta era uma questão ética e existencial para preencher a vida com sentido e disseminar beleza e respeito no mundo, mas cada vez mais ela se aproxima da possibilidade de sobrevivência da própria humanidade.

Assim, para repensarmos a educação, o primeiro ponto é pensarmos um novo projeto de sociedade embasado em culturas que estejam conectadas com a vida e com processos de autossuficiência. Isto implica realizar profundas mudanças em processos históricos que se desenvolvem há pelo menos 10 mil anos! É necessário que nos aproximemos da natureza e realizemos mudanças profundas nas cidades.

Lhes convido a algumas reflexões. Para que voltemos nosso olhar para dentro e retomemos formas de nos comunicar sem violência, que tornem possível atender os

sentimentos e necessidades de tod@s e proporcionem vidas ricas na simplicidade e incerteza que este planeta nos oferece.

A comunidade é a base de todo aprendizado

Escuto frequentemente de alguns colegas do campo da educação que a escola é fundamental para o convívio e desenvolvimento das crianças. Que ela é insubstituível como espaço de aprendizado. Eu respeito, mas discordo desta afirmação. A escola tem data e local de nascimento. Ela tem sua origem na Europa no século XV e se disseminou no mundo pelo violento processo de colonização (ARIÈS, 1978). Durante 100 mil anos as crianças foram educadas em outras estruturas sociais que não a escola como a conhecemos. Até hoje - ou até poucos anos atrás - culturas milenares se mantêm - ou mantiveram - sem escola. Os Ianomâmis no Brasil, os Sentineleses na Índia, os Inuítes na América do Norte e outros tantos povos que estiveram mais distantes da colonização europeia, têm seus processos educativos próprios que, mesmo com a implementação da educação escolar, coexistem em seus modos de vida. Estas culturas habitam áreas do planeta há milênios sem degradá-las.

A escola é o modelo de organização social que nossa cultura escolheu para desenvolver boa parte dos processos de ensino-aprendizado de nossas crianças e jovens. Isso se dá pois ela tem características que encaixam-se com as necessidades da sociedade contemporânea. Algumas dessas características são: a possibilidade de liberar os pais para assumirem ações no mundo do trabalho ao compartilharem uma parte significativa do tempo da educação e cuidado de seus filhos com a escola; a relação custo-efetividade onde poucos adultos dão conta de muitas crianças; a similaridade entre sua organização e o mundo do trabalho moderno, na relação com o tempo, os espaços, a hierarquia, etc. (VARELA e ALVAREZ-URIA, 1992); a possibilidade de uma relativa homogeneização dos saberes compartilhados, mesmo em uma sociedade complexa, composta por um grande número de indivíduos em um amplo território, como o Brasil, por exemplo. Digo relativa homogeneização pois sabemos das disparidades do ensino entre diferentes regiões e instituições públicas e privadas.

Tendo mais presente que a escola é um modelo possível de organização dos processos educativos, reitero então que a instituição escolar não é o elemento essencial e central para educação das crianças e jovens. Não me interprete mal. Não sou contra a escola. Apenas é importante termos em mente que a instituição escolar não é eterna e

também não é o fundamental no processo educativo. Conhecer esta fragilidade justamente a fortalece. Há um elemento insubstituível, uma característica que esteve presente nos processos educativos em toda a história da humanidade, que é a **comunidade**. A comunidade é a entidade formada por pessoas quando elas compreendem que têm objetivos em comum, que suas vidas são interdependentes, e escolhem viver em colaboração e crescimento mútuo. Esta entidade tem sido a base não só dos processos educativos, mas da sobrevivência da humanidade ao longo de milênios. Então isto é fundamental! Algumas escolas constituem comunidades, outras não.

O que observamos inicialmente no ensino remoto implicado pelo isolamento social e imposto pelo COVID-19, é que escolas particulares que se relacionavam a partir de vínculos prioritariamente econômicos, onde eu presto um serviço e você paga por ele, foram muito impactadas por esse processo, pois muitos pais passaram a declinar de pagar pelo serviço que não estava mais sendo oferecido na forma como haviam contratado. Já em escolas onde as relações se estabeleciam a partir de um senso de comunidade e com forte vínculo entre os sujeitos, apesar de terem sido também impactadas, operou uma força de união para que a aposta no desenvolvimento das crianças a partir daquela comunidade pudesse seguir adiante. Da mesma forma, escolas públicas que possuíam um senso forte de comunidade e vínculos entre as pessoas têm sido mais capazes de se rearticular e buscar novas alternativas para manter os processos educativos para tod@s seus alun@s e ainda dar atenção aos novos desafios enfrentados pelas famílias, por exemplo, ativando grupos de solidariedade, distribuindo comida e roupas para as famílias em vulnerabilidade social.

Neste exato momento, abril de 2021, já avançamos para mais de um ano de distanciamento social. Encaramos um dos períodos mais críticos em virtude do alto nível de transmissão e da superlotação dos serviços de saúde e rumamos ainda em um cenário incerto de quando irá de fato “terminar” a pandemia. Vemos uma tensão que se instala entre a tentativa de retomar a educação presencial - entendendo a educação legalmente como um serviço essencial - e a manutenção das aulas remotas e do distanciamento social neste contexto.

As forças que estão em ação são, de um lado, o medo pela saúde das crianças, suas famílias e profissionais da educação - que ainda não foram vacinados!- e do outro, o temor de muitas escolas particulares em relação a sua sobrevivência como instituição, por estarem perdendo alunos durante o ensino remoto. Junto com isso, ainda que não seja expresso explicitamente, a dificuldade das famílias em manterem suas atividades laborais

e ao mesmo tempo cuidarem de seus filhos. De fato, os grupos de whatsapp têm sido espaço de desabafos frequentes dos pais sentindo-se extremamente sobrecarregados e encarando um limite de sua possibilidade de lidar com a atual situação de ter os filhos em casa durante todo o dia. O grau de sofrimento envolvido nesta situação fica claro para mim quando as famílias se posicionam favoráveis a que seus filhos passem a ir para escola mesmo com altíssimo risco de contaminação de uma doença grave.

No entanto, não vejo essa dificuldade como sendo culpa da família. Como nos lembra a pensadora Sobonfu Somé (2007), *é preciso de uma aldeia inteira para cuidar de uma criança*. A pandemia escancarou a fragilidade de nossas comunidades expondo o quanto estávamos distantes já antes de seu início. Nossa aldeia está dispersa, ocupada com as exigências e o individualismo da vida moderna, distraída com todo o entretenimento que ela nos oferece, distante fisicamente e afetivamente ou presa nos engarrafamentos.

Essa situação também expõe outras configurações da nossa sociedade que fragilizam a convivência e cuidado das crianças, como a forma que lidamos com nosso trabalho. Quantas pessoas podem tranquilamente levar seu filho para o trabalho mesmo antes da pandemia? Essa pergunta pode parecer de início estranha, mas para a comunidade Guarani, por exemplo, é absolutamente natural que uma criança pequena esteja com sua mãe onde quer que ela vá, sendo assim, o estranho torna-se deixar uma criança de dois anos em uma creche afastada de sua família. Trago esse exemplo aqui não como uma comparação onde uma forma de lidar seja melhor que a outra, mas como um espelho para olharmos de um ponto de vista diferente como lidamos com nossa relação com o trabalho e a presença de nossos filhos. Além disso, ao serem obrigadas a ficar em casa, ficou evidente a inadequação de nossas habitações e cidades para crianças. Com pouco espaço e sem segurança para ficarem na rua livremente - como era no tempo de minha infância - as crianças e famílias se viram confinadas. Ainda que a pandemia exija cuidados especiais, se fosse seguro para crianças brincarem na rua, encontraríamos formas de fazê-lo. Mas o que ocorre é que mesmo sem pandemia, as crianças não podem se deslocar livremente sem a supervisão e cuidado de um adulto. Ainda que isto também cause estranhamento, basta conversar com uma pessoa com mais de 35 anos para perceber como a relação de liberdade das crianças com os ambientes urbanos mudou nos últimos anos.

Ampliando para além da temática da pandemia, outro ponto que me atenta para a importância da comunidade como núcleo educativo tem sido minha experiência de viver

em uma comunidade campesina na Serra do Mar, no sul do Brasil. As pessoas mais velhas, em geral, estudaram até no máximo a quinta série, muitas têm dificuldade para ler e escrever, ou são consideradas analfabetas, porém detentoras de grande sabedoria. Conhecem o clima, as plantas, os animais da região, sabem plantar, colher, fazer utensílios domésticos. Aprenderam com seus pais, com seus avós, com a observação do lugar onde moram. Seus filhos e netos terminaram a escola, mas já não sabem quais árvores são boas para madeira ou quais plantas servem para remédio. Ganhos por um lado, perdas por outro... Aliás, sobre o analfabetismo, ele é, antes de mais nada, um indicador de uma cultura oral, não de pobreza. A pobreza pode ser consequência de uma série de processos sociohistóricos que está unida - ou não - ao analfabetismo e para os quais saber ler e escrever são ferramentas que podem auxiliar na defesa dos direitos das comunidades e em conhecer o mundo que os oprime.

Sendo assim, **a comunidade - e a geocultura onde ela vive - é o centro de todos os processos educativos**. Aprendemos na convivência com os outros e nas experiências significativas que esta convivência, na relação com o mundo, produz. Isto não é novo. Freire (1996) e tantos outros educadores, já trataram sobre esse assunto, mas a ânsia por transmitir conteúdos ainda grita dentro das culturas escolares. Muitos professores e gestores chegaram ao final do ano letivo de 2020 mais preocupados em como recuperar os conteúdos ou se poderão rodar ou não seus alunos do que em saber se eles estão bem ou compreender o que eles estão aprendendo com esta grande experiência de isolamento social. Tiremos um tempo para pensar sobre isso.

Tecnologias para o desenvolvimento Interior - TeDIs

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), ganharam grande visibilidade no cenário da educação escolar, tendo ampliado o número de grupos de pesquisa, congressos e artigos debruçados a discorrer sobre os potenciais e limites destas ferramentas e com investimento governamental e privado para implementação das mais avançadas ferramentas nas escolas. As TICs certamente proporcionam maior comunicação e acesso à informação e sua utilização para a **continuidade** do ensino durante o período de isolamento social tem sido fundamental. Mas as grandes **transformações** na educação não estão na realidade ampliada, nem em óculos 3D, mas na mudança de valores e de conexão dos seres humanos entre si e com as outras formas de vida.

Partindo desta reflexão fiz uma analogia com as TICs, que denominei de TeDIs - *Tecnologias de Desenvolvimento Interior*. Práticas como a meditação, o Yoga, as danças circulares, o Tai Chi Chuan são alguns exemplos destas ferramentas que a humanidade vem desenvolvendo ao longo de milênios, com o intuito de promover o desenvolvimento humano harmônico e integral. Elas se embasam em filosofias criadas a partir da observação dos ciclos naturais e da integração do ser humano com o Cosmos. Usualmente chamadas no Brasil de Práticas Integrativas, têm sido cada vez mais utilizadas no campo da educação e trazem consigo chaves para a superação de alguns dos principais desafios que a humanidade enfrenta neste momento.

Assim, se as TICs são instrumentos que permitiram uma revolução em nossa forma de comunicação e acesso ao conhecimento no mundo exterior, as TeDIs são capazes de revolucionar a subjetividade e intersubjetividade humanas na mesma medida.

Houve há algum tempo atrás o investimento de grupos privados e governos em uma ação denominada **UCA – Um Computador por Aluno**. Inspirado nesta ação e no reconhecimento da relevância da implementação das TeDIs, proponho o lançamento de uma nova versão deste programa, intitulado **UCA 2.0 - Um Colchonete por Aluno**. Nele, poderão realizar suas práticas de meditação, Yoga, entre outras.

É inegável que, se houvéssemos atingido a meta de distribuição de um computador por aluno, a continuidade dos processos educativos teria uma barreira a menos a ser superada no Brasil. No entanto, a simples presença de tecnologias de comunicação não garante transformações positivas para a sociedade. Inclusive, podem ser usadas de forma muito danosa, visto por exemplo a divulgação massiva de notícias falsas nas últimas eleições presidenciais.

Tenho convicção de que a implementação das Tecnologias para o Desenvolvimento Interior - TeDIs nas escolas certamente está entre as ações com o maior potencial de transformação na sociedade contemporânea. Além disso, em termos financeiros, seu custo de implementação é baixo, pois necessita quase que exclusivamente de professores com conhecimento de como aplicá-las.

A natureza é uma grande mestra

Ao mesmo tempo em que o ambiente é moldado pela imaginação e cultura humana, nós também somos impactados e aprendemos com o ambiente que nos circunda. Mas há muito mais que podemos aprender com uma floresta, um jardim ou uma rocha,

do que com um bloco de concreto, asfalto ou arranha-céu. Tudo o que ocorre em um jardim pode ocorrer com nossa psique. Uma planta seca, precisa de cuidado, floresce, morre, renasce, estes mesmos elementos podem ocorrer com nossos sentimentos, com nosso corpo ou nossas relações. Ao nos relacionarmos com os sistemas vivos, aprendemos que as forças que regem a vida de todos os seres são as mesmas, ainda que tentemos nos proteger por trás dos muros e grades de nossas cidades.

Além disso, os sistemas vivos não são apenas fonte de aprendizado, mas também de saúde. Estudos em escolas que passaram a oferecer para as crianças o contato direto com a terra e com plantas, demonstram melhoras em seu sistema imunológico (ROSLUND, et. al., 2020). Pesquisas com adultos mostram que a presença de plantas torna as pessoas mais saudáveis e proporciona sensação de bem-estar e tranquilidade (FJELD e BONNEVIE, 2002; ULRICH e PARSONS, 1992).

Eu tive a oportunidade de conhecer escolas que não possuíam nem uma árvore ou um metro quadrado de grama ou de terra. Toda a estrutura oferecida para as crianças era de concreto, sem lhe possibilitar conviver com outros seres além dos humanos. Confesso que fico preocupado com este distanciamento das experiências educativas com os sistemas vivos.

Com isso eu convido a pensarmos em um segundo programa, denominado **1APP – Uma Árvore por Pessoa**. Ele funciona assim: cada aluno ao entrar na escola terá uma árvore que será sua mentora. Quando tiver alguma dificuldade, pode buscá-la para refletir sobre o que lhe aflige. Algumas árvores vivem há mais de 200 anos, isso lhes permitiu acumular muita sabedoria. Mesmo aquelas muito jovens sabem qual é seu papel no ciclo da vida, são boas companheiras e a comunicação com elas passa por desenvolvermos nossa sensibilidade e capacidade de escuta, elemento muito importante para a humanidade neste momento. Esta proposta pode parecer estranha em um primeiro momento, mas eu convido você a deixar este julgamento em suspenso por algum tempo e então entrar em um bosque ou jardim com frequência, buscando desenvolver intimidade com os seres que ali vivem. Logo irá perceber que há um rico universo de aprendizado que cada forma de vida lhe oferecerá com a maneira como encara sua existência e os desafios que enfrentam.

Sei da dificuldade de espaço de muitas escolas, mas se socialmente abraçarmos a importância de que as escolas possuam um jardim e um bosque, viveremos uma revolução no futuro de nossa existência. As crianças aprendem muito mais com as experiências que proporcionamos do que com as informações que tentamos lhes transmitir. Neste mesmo

sentido, eu defendo que as escolas devam investir em **serem espaços ecológicos**, ao invés de **ensinar sobre ecologia**. Vale muito mais ter uma composteira, uma horta, um pomar, cisternas, um forno a lenha, utilizar elementos naturais ao invés de sintéticos ou recicla, como elementos e práticas integrados com a rotina das crianças, do que limitar-se a separar o lixo, fechar a torneira e pesquisar sobre as florestas no Google.

O futuro começa agora

Quando escuto que “as crianças são o futuro”, e por isso devemos educá-las para poderem mudar o mundo que os adultos lhe entregam à beira de uma crise - ecológica, social, econômica, sanitária e existencial -, sinto que quando elas crescerem dirão o mesmo para os pequenos de sua geração e assim o futuro estará sempre uma geração a frente. Irão, assim como nós, se esquivar da responsabilidade sobre o mundo que é construído dia a dia pela ação dos adultos. É importante que levemos em conta a voz das crianças, no entanto, a responsabilidade de transformação dos modos de vida e das escolhas que fazemos agora, é dos adultos e não delas.

O momento de Pandemia que vivemos é crítico e nos afasta fisicamente. Mas ao nos lançar ao recolhimento ao mesmo tempo em que impõe tantas perdas, nos convida à reflexão de como queremos construir nosso futuro. Que seja uma oportunidade de nos prepararmos para semearmos novos rumos. Lhe convido então a repensarmos o modo como vivemos em cada ação agora. E perceber, como bem nos apontou Boaventura de Souza Santos, que a pandemia do COVID19 é a crise dentro da crise (SANTOS, 2020). É preciso ampliarmos o olhar e colocarmos em prática o conhecimento que produzimos, isto é sabedoria.

E esta sabedoria está disponível para nós, mais perto do que imaginamos. Ela está viva nos povos originários (KRENAK, 2019), nas Ecovilas, nos movimentos camponeses, nas escolas transformadoras e nos corações de pessoas que reinventam seus modos de existir. Aliás, ela está dentro de seu coração.

Para finalizar compartilho duas fotos que considero inspiradoras, pois nos mostram pessoas comuns, como eu ou você, fazendo coisas extraordinárias. A primeira é da horta comunitária da Vila Nova Esperança, em São Paulo - SP. Nesta comunidade de periferia, um terreno baldio onde acumulava-se lixo se tornou fonte de alimento. A segunda é de uma das escolas Neo Humanistas em Porto Alegre. Em uma ampla área verde, oferece (gratuitamente ou a baixo custo) um ensino de qualidade, com práticas de

Yoga e Meditação integradas à rotina escolar para crianças do bairro Restinga. Elas são como sementes que nos lembram que é possível fazer diferente. Mesmo com todos os limites que temos, o segredo é fazermos juntos.

"Se quiser ir rápido, vá sozinho; se quiser ir longe, vá acompanhado"
Provérbio africano

Diogo S. H. y Antunes, Caraá, Outono de 2021



Foto 1 - Fonte: Hyneness (2021)



Foto 2- Fonte: Ananda Marga (2021)

Referências

- ANANDA MARGA. Escolas. Disponível em: <https://www.anandamarga.org.br/servico-social/escolas/> Acesso em: 17 de mar. de 2021.
- ARIÈS, Philippe. História social da infância e da família. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- FJELD, Tove. BONNEVIE, Charite. The effect of plants and artificial day-light on the well-being and health of office workers, school children and health care personnel. Seminar report: reducing health complaints at work plants for people. Int. hort. exhib. Floriade: 2002
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 35ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOLMGREN, David. Permacultura, princípios e caminhos além da sustentabilidade. Via Sapiens: Porto Alegre, 2013.
- HYPENESS. A favela de SP que tem horta comunitária mantida pelos próprios moradores. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2014/12/favela-de-sao-paulo-tem-horta-comunitaria-mantida-pelos-proprios-moradores/> Acesso em: 17 de mar. de 2021.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das letras, 2019
- ROSLUND, Marja. et. al. Biodiversity intervention enhances immune regulation and health-associated commensal microbiota among daycare children. Science Advances, Vol. 6, no. 42, 14 Oct 2020. disponível em: <https://advances.sciencemag.org/content/6/42/eaba2578> acesso em: 12 de abr. de 2020.
- SANTOS, Boaventura de Souza. A cruel pedagogia do Vírus. Almedina: Coimbra, 2020.
- SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da Intimidade: Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Trad.: Débora Weinberg. 2ª Ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.
- ULRICH RS. PARSONS R. Influences of passive experiences with plants on individual well-being and health, in: Relf D (ed): Human benefits of plants. Portland, Oregon: p 93-105, 1992.
- VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. Teoria & Educação, 6, 1992.

Sobre o Autor



Dr. **Diogo Silveira Heredia y Antunes** é um experiente e respeitado instrutor de *Mindfulness*, fundador da Escola Meditta. Ao longo dos mais de 15 anos de sua carreira, tem se dedicado a ajudar as pessoas a lidarem com os desafios da vida e serem mais felizes e saudáveis através da meditação. Diogo é conhecido por sua abordagem gentil e compassiva. Com uma linguagem acessível, torna a sabedoria profunda da meditação disponíveis para todos, independentemente de sua experiência anterior. Sua dedicação ao autoconhecimento e prática pessoal de meditação é acompanhada por uma sólida experiência profissional e formação acadêmica. Atualmente realiza assessorias e workshops para empresas e instituições de ensino, além de facilitar retiros e cursos de *mindfulness*. Atua como colaborador em projetos de extensão da UFRGS e PUCRS. Já trabalhou na saúde pública, atuou com crianças e jovens de projetos sociais e foi professor na Escola Amigos do Verde. Formado em educação física (UFRGS), cursou residência multiprofissional em saúde da família (FURG), especialização em psicologia transpessoal (UNIPAZ/Spei), mestrado e doutorado em educação (PUCRS), onde estudou o uso de práticas de meditação para promoção de saúde. Realizou sua formação como instrutor de *mindfulness* no Centro de Promoção de Mindfulness (CPM). Em 2014 teve seu trabalho reconhecido nacionalmente, ao receber uma menção honrosa no Prêmio de Incentivo em Ciência e Tecnologia para o SUS, por sua pesquisa sobre o uso de terapias integrativas nos sistemas de saúde.



Nossa escola tem a intenção de tornar a meditação acessível para todas as pessoas, promovendo assim uma vida mais saudável e feliz em nível individual e coletivo. Nossos cursos são cuidadosamente planejados para traduzirem o conhecimento científico e a sabedoria das tradições de forma que possam ser compreensíveis e aplicáveis na vida das pessoas. Estamos muito felizes em ter você conosco. Compartilhar o que aprendemos dá sentido para nossa vida e trabalho. [CLIQUE AQUI PARA CONHECER NOSSA ESCOLA.](#)